

APRESENTAÇÃO

A revista acadêmica do Departamento de Filosofia da UERN, Campus Caicó, *Trilhas Filosóficas*, através do Grupo de Pesquisa *Filosofia e Educação*, e do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) tem a honra de convidar os (as) leitores (as) para a leitura filosófica sobre a temática da Educação pensada a partir de Kierkegaard. Com este *Dossiê Kierkegaard e a Educação* a revista chega a seu volume 11, número 1, de 2018. A partir deste número a revista *Trilhas Filosóficas* procurará publicar um Dossiê, um número ao ano em que pesquisadores pensarão a Educação a partir de um determinado filósofo.

O artigo de Alvaro Valls não irá discutir algum aspecto da educação em Kierkegaard, mas propõe uma correção nas interpretações tendenciosas, equivocadas sobre a educação recebida por Kierkegaard. O fato é que Kierkegaard é apresentado como um pensador de personalidade sombria decorrente de uma formação rigorosa repleta da melancolia, tristeza e da maldição da ira de Deus que se abatera sobre seu pai. Neste enquadramento desproporcional da figura do pensador fica difícil contemplá-lo pelo que ele em realidade é. Alvaro Valls, em estilo bem kierkegaardiano, dosando ironia e humor na escrita, oferece ao leitor uma relativização dessa interpretação tão em voga, desvelando o lado positivo, alegre, saudável da educação e convivência da mãe de Kierkegaard com seus filhos. Sim! O maior filósofo do século XIX tem uma mãe! No primeiro artigo, pois, o primeiro (Reichmann foi na verdade o primeiro, mas traduziu apenas fragmentos de obras de SK) e até então único tradutor de Kierkegaard, direto do dinamarquês, no Brasil, o *membro de honra* da

SOBRESKI, sempre presente e atuante, e ex-presidente da ANPOF, oferece ao público brasileiro, pela primeira vez, uma imagem mais verdadeira da personalidade rica e saudável do filósofo de Copenhague. Alvaro Valls continuará sendo, por muitos longos anos, entre nós brasileiros, aquela “ave rara’ brasileira (como aquele personagem de Lima Barreto, o homem que sabia javanês) (p.7)¹”. Isto não só por causa do conhecimento do idioma dinamarquês, mas sobretudo pela sua familiaridade com a tradição filosófica.

Marcos Érico elabora uma introdução à filosofia de Kierkegaard enquanto *paidéia kierkegaardiana*. Leva o leitor à compreensão da filosofia de Kierkegaard enquanto exigência de modificação da própria existência. Educação em sentido grego, quer dizer, como *paidéia*, vinculado à ideia de *areté* configura a filosofia de Kierkegaard. Esta pretende retirar o homem da ilusão ou torná-lo atento para que possa efetivar o movimento desde si mesmo (*Individ*) para si-mesmo (*Sehv; den Enkelte*). Este movimento de singularização do indivíduo faz da filosofia de Kierkegaard uma *paidéia* em sentido grego. Para tornar isto possível Kierkegaard cria seu Projeto Filosófico, ou seus dois olhos para ver com nitidez a coisa mesma: a produção pseudônima e religiosa.

Jorge Miranda conhecido entre os estudiosos da filosofia e da educação por ter escrito o primeiro livro sobre Kierkegaard e Paulo Freire (*A educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação ético-existencial*), em seu artigo, conduz o (a) leitor (a) a pensar as exigências ético-existenciais da educação. Dialogando com Freire, Jorge Miranda, encontra um horizonte hermenêutico freiriano para pensar a educação brasileira a partir da

¹ VALLS, Alvaro. **Entre Sócrates e Cristo**: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

contribuição kierkegaardiana. Neste diálogo o autor mostra que o si-mesmo tendo se singularizado promove a libertação não só de si-mesmo, mas também do outro. É possível e, mais ainda, é necessário que no movimento da singularização aconteça a abertura para o outro, para o tu, para que o si-mesmo não se feche numa forma de desespero. A *reduplicação* kierkegaardiana e o equivalente freiriano de *testemunho* são alguns dos conceitos centrais deste enriquecedor diálogo em que a voz do outro e a dimensão ético-existencial da educação desvela criticamente o *status quo* de uma educação e prática pedagógica a serviço do poder.

No quarto artigo deste Dossiê Kierkegaard e a Educação *nuestra hermana* argentina, amiga dos estudiosos (as) da SOBRESKI, Yéssica Rodriguez, tematiza o problema da liberdade e da escolha a partir da educação como caminho para a ética em Kant e Kierkegaard. Yéssica Rodriguez dialogando com Kant sobre a questão em causa, retoma a ideia da sensibilidade e da felicidade mediada pela educação, sobretudo a partir da *Antropologia em sentido pragmático*. Traz Kierkegaard para este debate aproximando o pseudônimo B, o Juiz e esposo, de *Ou, Ou*, da posição kantiana de não exclusão da felicidade e da sensibilidade, mas reconfigurando, retomando, reconciliando a existência de modo não egoísta com a sensibilidade. O conceito de *apropriação* é central porque expressa o indivíduo situado em seu contexto histórico-social, mas ao mesmo tempo exige a *eleição* de si mesmo enquanto tornar-se si-mesmo que a *educação* possibilita. Aqui, a angústia, como ensina *Vigilius Haufniensis*/Kierkegaard, enquanto possibilidade de poder ser, exorta o indivíduo a ser livre.

No quinto artigo, Fransmar Costa Lima, problematiza a educação em Kierkegaard como uma temática central na filosofia do dinamarquês, não obstante, sobretudo no Brasil, não ser um aspecto muito investigado

entre os estudiosos. Também evidencia uma crítica entre a educação e a pedagogia quando esta última na maioria das vezes quer assumir o papel daquela. Muito edificante a distinção kierkegaardiana entre mestre, discípulo, aprendiz, por exemplo, em que na relação com o aprendiz predomina a transmissão de conteúdo e, portanto, dependência do mestre, enquanto na relação entre mestre e discípulo implica em reduplicação, subjetividade, singularização por parte do discípulo tornando-o livre.

No sexto artigo, Humberto Quaglio, atual presidente da SOBRESKI, realiza uma problematização das traduções dos termos “mestre” e “professor” com o intuito de que estas duas perspectivas possam contribuir com o debate atual sobre o papel dos professores e a atividade dos educadores. O professor, em Kierkegaard, enquanto educador, é aquele que contribui para tornar o aluno atento sem adestrá-lo ao moldá-lo com meras transmissões de conhecimento.

No sétimo artigo Ramon Bolívar meditará sobre a educação em Kierkegaard como *pedagogia do travessão*. Expressão inspirada em *As obras do Amor*: o “traço de suspensão”. Isto para mostrar que o maior benefício que se faz para outro deve ser realizado na atmosfera da suspensão, do travessão. Do contrário, o “que”, os fatos e feitos, prevalecem sobre o “como”, a maneira ou modo de fazer, e, assim, o benefício transforma-se em malefício pelo simples fato de criar uma dependência no outro e não o libertar. A pedagogia do travessão transubstancia-se em pedagogia do amor e da graça justo por não impor nada, mas apenas por aludir, acenar provocando a liberação do si-mesmo, colocando-o no movimento de apropriação.

No artigo que segue Eduardo Campos presenteia o leitor com uma meditação a partir de *Temor e tremor* de Kierkegaard tendo a pretensão

saudável de oferecer uma chave nova de interpretação da obra. Essa perspectiva que Eduardo abre, como horizonte de pensamento, sobre o que está em causa, não obedece uma leitura dogmatista e acadêmica em sentido degenerado. Segue, porém, o estilo acadêmico kierkegaardiano do pensador subjetivo. Eduardo Campos traz o conceito de *desprendimento* de Mestre Eckhart como contraponto desta nova leitura de *Temor e tremor* seguindo o tom sugerido pelo título *Movimentos e posições*, pensado por Kierkegaard originariamente, e, também, pela atmosfera eremítica do pseudônimo que inicialmente foi cotado para ser autor da obra, a saber, *Simeão Estilista, o Velho*.

Jean Vargas problematiza Kierkegaard como educador levando o leitor (a) a dar-se conta que, na verdade, o modo peculiar e profundo do pensamento do Sócrates de Copenhague resulta justamente na dificuldade que o leitor encontra para enquadrá-lo numa corrente de pensamento ou escola filosófica. Porém é possível e necessário extrair algum conhecimento de Kierkegaard educador. Jean Vargas, então, investe numa perspectiva de pesquisa pouco estudada no Brasil, a saber: a recepção kierkegaardiana da ideia de educação romântica.

No décimo artigo Gabriel Kafure da Rocha e Estela Araújo Silva introduzem o (a) leitor (a) no socratismo kierkegaardiano a partir da *Dissertação* do Sócrates de Copenhague. Assim, no artigo, ganhará destaque a *ironia* tanto em Sócrates quanto nas visões pós-socráticas. Os autores refletem sobre a transposição da ironia antiga para a ironia controlada ou dominada no contexto do filósofo dinamarquês.

Nosso *Dossiê Kierkegaard e a Educação* finaliza com o artigo de Leonardo Araújo Oliveira. O autor analisa os conceitos de *paidéia* e *areté* na perspectiva de recolher a ideia de formação e educação para a cidadania na

antiguidade. Posteriormente, avançando na questão o autor irá procurar mostrar alternativas pedagógicas em Sócrates relacionando à compreensão que Kierkegaard tem do “sábio simples da antiguidade” culminando na comunicação indireta extraindo modos para educar e aprender existencialmente. Fazendo da pedagogia uma dialogicidade e, portanto, uma pedagogia da interioridade sensível à dimensão política.

A ideia nesta Apresentação não é resumir os artigos, mas tão só explicitar a lógica de articulação temática entre eles e, ao fazer isso, esperamos ter deixado os (as) leitores (as) esfomeados. Muitíssimo obrigado a todos os autores e autoras! Passemos agora ao banquete: *Bon appétit!*

Marcos Érico de Araújo Silva

Um dos Editores da revista *Trilhas Filosóficas* e Membro da SOBRESKI